

Número de engenheiros cres 64% e o doméstico cai 43% em 12 anos

Número de engenheiros cresce 64% e o de domésticos cai 43% em 12 anos

Recorte do Censo divulgado pelo IBGE também mostra mais motoristas e menos pedreiros; 35% da população ocupada recebia até um salário mínimo em 2022

RIO DE JANEIRO O número de engenheiros no Brasil aumentou 64,1% em um intervalo de 12 anos, ao sair de 308 mil em 2010 para 505 mil em 2022, apontam dados do Censo Demográfico divulgado nesta quinta-feira (9) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Um movimento inverso ocorreu com os trabalhadores dos serviços domésticos em geral. A categoria diminuiu 43,1% no mesmo período, de quase 5 milhões em 2010 para 2,8 milhões em 2022.

Em termos proporcionais, a alta dos engenheiros e a queda dos domésticos foram as maiores de uma lista com sete ocupações selecionadas pelo IBGE.

O aumento dos engenheiros ocorreu em meio a ampliação do acesso a universidades. Dados do Censo publicados em fevereiro indicaram que a parcela da população de 25 anos ou mais que tinha ensino superior completo foi de 11,3% em 2010 para 18,4% em 2022.

Além dos engenheiros, os números de médicos (+47,3%) e advogados e juristas (+39,3%) também cresceram em 12 anos.

O IBGE ainda indicou altas no número de condutores de motocicletas (+53,3%) e automóveis, táxis e caminhonetes (+45,6%).

Como o Censo é relativo a 2022, não capta toda a recuperação do mercado de trabalho no pós-pandemia. As restrições haviam afetado profissões com dependência de atividades presenciais, como trabalhadores domésticos.

Além deles, apenas a categoria dos pedreiros também encolheu na lista selecionada pelo IBGE. Esse grupo diminuiu 1,2% em 12 anos, ao sair de 3 milhões em 2010 para 2,98 milhões em 2022.

Salário mínimo

A renda do trabalho era de até um salário mínimo para 35,3% da população ocupada no Brasil em 2022. Isso significa que um terço da mão de obra do país, cerca de 31,3 mi de pessoas, ganhava até

Número de pessoas ocupadas

Em milhões
2010
2022



Fonte: Censo 2022 (IBGE)

R\$ 1.212 por mês à época.

As informações consideram valores nominais —sem o ajuste pela inflação. Como o levantamento de 2022, não capta toda a recuperação do emprego e da renda após as restrições da pandemia.

O cenário de 2022 não difere muito do encontrado no Censo 2010 para quem recebiam no máximo um salário mínimo. Na época, 36,4% estavam na faixa.

A diferença maior está na parcela que recebia mais que cinco salários mínimos. Em 2010, esses trabalhadores correspondiam a 9,6%, contra 7,6% em 2022.

Na média do Brasil, o rendimento do trabalho da população ocupada foi de R\$ 2.851 em 2022. O Centro-Oeste teve o maior patamar (R\$ 3.292). Sul (R\$ 3.190) e Sudeste (R\$ 3.154) também mostraram rendimentos acima da média nacional em 2022, enquanto Norte (R\$ 2.238) e Nordeste (R\$ 2.015) ficaram abaixo.

Nova Lima (MG) teve a maior renda do trabalho do país: R\$ 6.929. Os paulistas São Caetano do Sul (R\$ 6.167) e Santana de Parnaíba (R\$ 6.081) vieram na sequência.

A menor era em Cachoeira Grande (MA), com R\$ 759, seguida por Caraúbas do Piauí (PI), com R\$ 788, e Mulungu do Morro (BA), com R\$ 805.

Fernando Canzian, Leonardo Viceci, Natália Santos e Tiago Cardoso

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 17